

Luana Frigulha Guisso

Ivana Esteves Passos de Oliveira (orgs.)

DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES 2

**Teoria e prática em educação,
ciência e tecnologia**



DIÁLOGO
EDITORIAL

Luana Frigulha Guisso e
Ivana Esteves Passos de Oliveira (orgs.)

DIÁLOGOS

INTERDISCIPLINARES 2:

Teoria e prática em educação, ciência e tecnologia

1ª edição

Vitória
Diálogo Comunicação e Marketing
2022

Diálogos interdisciplinares 2: Teoria e prática em educação, ciência e tecnologia
© 2022, Luana Frigulha Guisso e Ivana Esteves Passos de Oliveira.

Projeto gráfico e editoração
Diálogo Comunicação e Marketing

Capa e diagramação
Ilvan Filho

1ª edição

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D537 Diálogos interdisciplinares 2: teoria e prática em
educação, ciência e tecnologia / organização Luana
Frigulha Guisso e Ivana Esteves Passos de Oliveira. -

Vitória, ES : Diálogo Comunicação e Marketing, 2022. -

266 p. : il. foto. color. ; 24 cm.

ISBN 978-85-92647-66-7
DOI 10.29327/564118

1. Educação. 2. Abordagem interdisciplinar do
conhecimento. I. Guisso, Luana Frigulha. II. Oliveira,
Ivana Esteves Passos de.

CDD – 370

Bibliotecária Amanda Luiza de Souza Mattioli Aquino – CRB5 1956

Conselho Editorial

Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes

Dra. Luana Frigulha Guisso

Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira

Dra. Sônia Maria da Costa Barreto

Apresentação

A Diálogo Editorial, em parceria com o Mestrado em Ciência Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Cricaré, respaldado por um conselho editorial representado por Doutores e Pós-Doutores, coordenou a editoração desse compilado de dissertações acadêmico-profissionais, implementadas, por docentes e discentes, em diversas áreas do saber, no intuito de propiciar a perpetuação da consolidação dos conhecimentos construídos em investigações na perspectiva transversal das ciências, tecnologia e educação.

O e-book reúne elementos teóricos sobre as áreas supracitadas, e lança foco nas ferramentas criadas durante o processo de investigação, na confluência da prática com a teoria, as quais consolidam novas metodologias e inovação tecnológica, na premissa da criação de caminhos criativos, inovadores e sistematizados pela valorização das tradições e da cultura.

O e-book “Diálogos Interdisciplinares 2: teoria e prática em educação, ciência e tecnologia” apresenta um trabalho incansável de pesquisa desenvolvido pelos alunos e orientadores do curso de Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Cricaré.

É importante ressaltar que a leitura de tal compilado é um convite para quem deseja expandir seus estudos em contextos de interdisciplinaridade em Educação, Saúde e História, bem como compreender um pouco mais sobre o desenvolvimento cognitivo da criança, a educação quilombola, o papel da escola na promoção de uma alimentação saudável, o desinteresse escolar, professores de educação física e as redes de diálogos, práticas de convivência e fortalecimento de vínculos com grupos de gestantes, entre outros temas que estão disponíveis.

É preponderante ressaltar que esta coletânea tem a sua tessitura resultante de investigações sobre práticas do cotidiano escolar, escritas sob o olhar contemplativo, observador e reflexivo, o qual alimenta reflexões, que vencem, na obstinação de seus autores, os muros das escolas, reverberando nas comunidades, para buscar ganhar notoriedade e inspirar outros estudos.

***Dra. Luana Frigulha Guisso e
Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira***

Sumário

EDUCAÇÃO QUILOMBOLA: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA “ORCI BATALHA” DO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY/ES	08
Cláudia Márcia Corrêa de Jesus e André Luis Lima Nogueira	
CONTRIBUIÇÕES DAS ATIVIDADES LÚDICAS NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	26
Cristiely Monteiro da Silva e Luana Frigulha Guisso	
O PAPEL DA ESCOLA NA PROMOÇÃO DE UMA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NA EMEF PLURIDOCENTE JIBOIA DE PRESIDENTE KENNEDY-ES	41
Daniele Alves Mesquita e Daniel Rodrigues Silva	
DESINTERESSE ESCOLAR DE ESTUDANTE DO ENSINO FUNDAMENTAL II: UM PROBLEMA A SER ENFRENTADO PELA ESCOLA E A FAMÍLIA	63
Dilméia Fernandes Pacheco da Silva e Nilda da Silva Pereira	
PRÁTICA DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS COM GRUPOS DE GESTANTES DO CRAS DE PRESIDENTE KENNEDY	85
Elisangela Moraes Ayres e Daniel Rodrigues Silva	
COLABORAÇÃO ENTRE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA VIA REDES DE DIÁLOGOS	103
José Rodrigo Brioli Polonini e José Roberto Gonçalves de Abreu	
ENTENDENDO A DISFUNÇÃO ERÉTIL MASCULINA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	129
Josima Lima Oliveira e Daniel Rodrigues Silva	

O IMPACTO DAS RECEITAS DOS ROYALTIES DO PETRÓLEO SOBRE OS INVESTIMENTOS EM EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY-ES	144
Leandra Fontana Tonon	
A ATUAÇÃO DAS ESCOLAS NA DETECÇÃO E ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS	160
Leidiane Chaves da Cruz e Luciana Teles Moura	
A REALIDADE DA SÍFILIS EM GESTANTES DO ESPÍRITO SANTO E AS IMPLICAÇÕES TRAZIDAS PARA O EXERCÍCIO DA ENFERMAGEM	174
Lusiane Lima Oliveira e Luciana Barbosa Firmes Marinato	
A HISTÓRIA NOSSA DE CADA DIA: PRESIDENTE KENNEDY 1964- 2019, NA VISÃO DOS ALUNOS DA EJA	185
Milene da Silva Rodrigues Carvalho e Sebastião Pimentel Franco	
O ENSINO DE HISTÓRIA E A ATUAÇÃO DO DOCENTE: PRINCIPAIS ABORDAGENS SOBRE O ESTUDO DE HISTÓRIA LOCAL NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	200
Poliana Nicoli Fontana e Luana Frigulha Guisso	
CONTRIBUIÇÕES DO FISIOTERAPEUTA NO TRABALHO DOS CUIDADORES DE ALUNOS COM PARALISIA CEREBRAL NO MUNICÍPIO DE MUQUI-ES	213
Sirlene de Oliveira Mario Inacio e José Roberto Gonçalves de Abreu	
MARKETING DIGITAL EM MICROS E PEQUENAS EMPRESAS	227
Thiago Coelho Scherrer de Souza e Sara Dousseau Arantes	
IMPACTOS DOS ESPAÇOS PARA AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL I	245
Urbano da Silva Batista e Juliana Cassani Martins	
OS AUTORES	262

DESINTERESSE ESCOLAR DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL II: UM PROBLEMA A SER ENFRENTADO PELA ESCOLA E A FAMÍLIA

Dilméia Fernandes Pacheco da Silva
Nilda da Silva Pereira

1. INTRODUÇÃO

As questões ligadas aos desinteresses dos/as estudantes e a busca de meios para motivá-los/as são temas constantemente abordados pelos/as educadores/as nas escolas em que trabalham com a educação básica. Para a psicóloga doutora Sueli Édi Rufini Guimarães (2009), o interesse estudantil tem sido o centro das atenções entre professoras e professores ao longo dos anos. Variados fatores podem influenciar na motivação de estudantes que se sentem desinteressados pelos conteúdos escolares: a estrutura econômica, o currículo, os comportamentos e a personalidade docente, os métodos de ensino, os hábitos, o envolvimento de pais/mães/responsáveis, os problemas familiares, a instabilidade emocional, os relacionamentos desrespeitosos entre os colegas estudantes, o ambiente de aprendizagem e os métodos avaliativos.

Estudos sobre o desinteresse escolar de discentes na educação básica mostram as causas que levam a esse assunto controverso, salientando como o problema pode ser enfrentado na escola. A educadora doutora Roseli Regis dos Reis (2014) ressalta que o desinteresse se coloca em uma

[...] rede de interdependências composta pela família, pela escola e por outras experiências educativas, onde se engendram e se reforçam as disposições que, em conformidade com as pressões exercidas pelo próprio campo, são acionadas pelo agente e definem sua relação com o conhecimento (REIS, 2014, p. 41).

Essas afirmações listam a necessidade da dialogicidade entre os sujeitos envolvidos: mães/pais/responsáveis pelos/as estudantes, educadores/as e a comunidade pertencente ao espaço escolar. O filósofo e educador Paulo Freire (1996, p. 28) destaca que o processo escolar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural.

A experiência histórica, política, cultural e social dos homens e das mulheres jamais pode se dar “virgem” do conflito entre as forças que obstaculizam a busca da assunção de si por parte dos indivíduos e dos grupos e das forças que trabalham em favor daquela assunção. A formação docente que se julgue superior a essas “intrigas” não faz outra coisa senão trabalhar em favor dos obstáculos (FREIRE, 2013, p. 28).

Consideramos que na sociedade contemporânea as mudanças econômicas, sociais e culturais têm influenciado a produção de um “novo sujeito” social, muito mais volúvel e atravessado pela comunicação veloz das redes sociais, o que entra em choque com o modelo tradicional de escola. A realidade social é dinâmica, e os/as educandos/as participam o tempo todo dessa dinamicidade. O ambiente escolar, não vivenciando isso, pode se tornar obsoleto. Por outro lado, a vida comunitária é pouco discutida pelos/as profissionais da educação, como se a escola não fizesse parte da sociedade. A instituição educacional é dos/as comunitários/as, que devem participar dela de modo amplo.

Respeitando a comunidade, as/os docentes podem transformar a sala de aula em espaço motivador para a aprendizagem, no qual as atividades possam ser desenvolvidas de acordo com as dificuldades específicas de cada estudante. A ação pedagógica sempre leva a resultados de aprendizagem valiosos. Daí a importância de o/a educador/a estudar e pensar as estratégias motivacionais. Portanto, devemos considerar os seguintes aspectos: as dificuldades familiares de acompanhar e orientar com mais contundência crianças e adolescentes; a presença de metodologias que não despertam o interesse dos/as educandos/as; e as experiências negativas vivenciadas pelos/as estudantes em seus históricos familiares e escolares. Muitas vezes, as/os discentes não encontram apoio para reverter os traumas sofridos.

Pesquisamos sobre o desinteresse escolar de estudantes do Ensino Fundamental II porque compreendemos que há um problema a ser enfrentado nas escolas em relação a essa problemática e assim contribuir para ajudar a entender melhor as causas e as formas de combater esse percalço, a fim de promover a motivação em sala de aula, tornando mais significativa a aprendizagem escolar.

A partir dos seus princípios educacionais e filosóficos, Paulo Freire e Lev Semionovitch Vygotsky orientaram teoricamente o estudo. Autores como Thomas L. Good e Jere E. Brophy (2008), bem como Roseli Regis dos Reis (2014) contribuíram na especificidade da área investigada.

Em relação ao problema deste estudo, levantou-se os seguintes questionamentos: por que os/as estudantes apresentam desinteresse acerca da aprendizagem e dos processos de ensino da escola? Quais são as visões dos/as docentes, educandas/os e familiares/responsáveis sobre essa situação? Como a escola e os/as docentes podem interferir neste processo?

Buscamos saber se a causa da falta de interesse apresentada pelas/os discentes está focada na aprendizagem em si ou na forma como o processo de ensino é conduzido na escola em que estudam. A seguir, as questões hipotéticas elencadas: os/as estudantes perdem o interesse pelas atividades escolares porque as aulas são tradicionais e pouco interessantes; as pessoas responsáveis pelas crianças muitas vezes não conseguem se organizar para ajudar seus filhos nos processos escolares; a maioria dos familiares/responsáveis não sabe ler e escrever, o que pode dificultar a ajuda às/aos discentes.

O objetivo geral que norteou a pesquisa foi saber as razões do desinteresse estudantil em relação à aprendizagem escolar e a atuação da professora e do professor para estimular nesse processo. Os objetivos específicos consistiram em identificar e explorar os fatores que dão origem ao desinteresse dos/as estudantes em relação à aprendizagem escolar; escrever algumas ações pedagógicas que ajudem a elevar o interesse das educandas e dos educandos; ouvir os responsáveis/familiares das/os discentes desinteressadas/os que mostram relutância contra o ensino; mostrar que

boas práticas pedagógicas podem motivar e despertar o interesse pela aprendizagem; ouvir os/as estudantes de forma investigativa para saber deles/delas o porquê do desinteresse em relação ao processo de aprendizagem e às metodologias de ensino utilizadas pela escola; e, por fim, desenvolver formação continuada voltada para qualificação das/os docentes do Ensino Fundamental II, objetivando o desenvolvimento de ações e práticas metodológicas para estimular o interesse escolar do estudante.

Fizemos investigação qualitativa e incluímos a participação dos sujeitos: estudantes, docentes do Ensino Fundamental II, familiares e/ou outras pessoas responsáveis pelas/os educandas/os. Estes/as responderam a questionários mistos, com perguntas abertas (discursivas, livres, sem predefinição de itens para escolha) e fechadas (com opções de resposta predefinidas). Aos familiares e/ou outras pessoas responsáveis pelas/os estudantes aplicou-se um conjunto de questões abertas. Devido à pandemia de covid-19, doença infecciosa causada pelo novo coronavírus, a coleta de dados aconteceu via online. Foi possível identificar os fatores que contribuem para o desinteresse das e dos estudantes em relação à aprendizagem escolar e quais ações pedagógicas têm sido desenvolvidas pela escola que têm ajudado a elevar o interesse das e dos escolares.

Descrevemos neste artigo as construções teóricas sobre o desinteresse escolar e trouxemos as análises dos resultados descritos a partir das respostas das/os discentes nas entrevistas. As e os estudantes do 6º ao 9º ano, sujeitos da pesquisa, tinham idades entre 13 e 15 anos. Familiares/responsáveis pelos/as adolescentes também participaram da investigação.

A discussão sobre o tema intenciona ajudar no aprofundamento do debate a respeito do desinteresse escolar do/a estudante nos afazeres escolares. Cremos que podemos ajudar a entender melhor as causas e os meios de combater a falta de interesse, promover a motivação em sala de aula e tornar mais significantes as etapas da aprendizagem na escola.

Destacamos que a escola ainda se centra nos conteúdos pedagógicos pouco significativos aos/às estudantes, há poucos diálogos entre familiares e com as/

os profissionais da educação. Algumas/alguns docentes culpabilizam as famílias/responsáveis e os/as estudantes pelo desinteresse e pela desmotivação em relação aos conteúdos ministrados nas matérias escolares.

2. O DESINTERESSE ESCOLAR: PERCEPÇÕES E APREENSÕES DOS SUJEITOS INVESTIGADOS

Contextualizamos fatores que dão origem ao desinteresse de estudantes em relação ao processo de ensino na escola. Destacamos os resultados das investigações tecidas com participação das/os estudantes, docentes e familiares/responsáveis pelas/os educandas/os. Todas/os envolvidas/os na pesquisa apresentaram fatores que levam à desmotivação de estudantes nos fazeres pedagógicos. Apresentamos algumas discussões sobre os desafios de educadoras/es para enfrentar a problemática da falta de interesse escolar.

Para o psicólogo Lev S. Vygotsky, o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais estabelecidas. O estudioso defende que a interação social por meio de mediações do saber construído pela humanidade potencializa o desenvolvimento de estudantes. Todos os seres humanos têm uma evolução filogenética porque dividem uma ancestralidade comum, cultural, e o desenvolvimento humano tem a ver com as construções sociais vivenciadas em suas histórias de vida. Vygotsky (1987) destaca que o desenvolvimento cultural de estudantes aparece segundo a lei da dupla formação, em que todas as funções surgem duas vezes: primeiro no nível social e depois no nível individual, ou seja, primeiro entre as pessoas (interpsicológica) e depois no interior da criança (intrapicológica). Poderia então dizer que o desenvolvimento cultural da/o educanda/o, assim como sua aprendizagem, se dá mediante a relação estudante-docente ou com outras/os discentes mais competentes. A aprendizagem da/o educanda/o vai sendo construída mediante processo de relação com seu ambiente sociocultural e com o suporte de outras pessoas mais experientes. Isso se configura como zona de desenvolvimento proximal, em que a mediação de outro sujeito passa a ser transformadora.

Na visão vygotskyana, a aprendizagem ocorre pela troca entre processos de interiorização e exteriorização da pessoa. As ações mentais (internas) acontecem por meio da exteriorização, que faz surgir uma nova interiorização com capacidade de abstração que se exterioriza. O alvo da aprendizagem é a absorção consciente do mundo físico mediante a interiorização gradual das ações exteriorizadas e suas transformações em atos intelectuais.

As formulações de Vygotsky (1987) explicitam que a criança aprende por meio da interação, da convivência. As experiências vão sendo internalizadas. Ele destaca a zona de desenvolvimento proximal, o alargamento entre o plano de desenvolvimento real da pessoa, que é assentado pela capacidade de resolver tarefas autonomamente, e o nível de desenvolvimento potencial, apontado para ações possíveis, com ajuda de pessoas que tenham saberes maiores, mais experiências e compreensão. Isso compartilha o papel da/o discente como peça forte de mediação e primordial para a aquisição do conhecimento.

A educadora e psicóloga Marta K. Oliveira (2011), estudiosa de Vygotsky, destaca que a intervenção docente deve acontecer no sentido de desafiar o sujeito, de questionar suas respostas, para observar como a interferência de outra pessoa afeta o desempenho, sobretudo para observar os processos psicológicos em transformação e não apenas os resultados do desempenho. Assim, Oliveira (2011, p. 43) lembra que na escola o aprendizado é um resultado desejável, o próprio objetivo do processo escolar. Nele o/a educador/a tem o papel explícito de interferir na zona de desenvolvimento proximal da/o estudante, provocando avanços que não ocorreriam de forma espontânea. Os procedimentos regulares que ocorrem na escola (demonstração, assistência, fornecimento de pistas, instruções) são fundamentais para promover o chamado “bom ensino”, ou seja, aquilo que a/o estudante não tem condições de percorrer sozinho/a. Por isso se justifica a intervenção de outras pessoas, no caso específico da escola, as/os docentes, o que é fundamental para a promoção do desenvolvimento pessoal.

Para Sueli Êdi R. Guimarães (2009, p. 43) não há remédio para o baixo desempenho como um todo. As/os educadoras/es carecem de aprender a aco-

lher cada estudante como ela/ele é e abrigar o insucesso como uma abordagem aceitável para o aprendizado. Segundo a autora, ao identificar a causa do insucesso, deve-se procurar o que pessoalmente motiva a/o estudante. Essa é a conexão entre o desejo e o desempenho educacional.

Fora as constatações direcionadas à motivação cognitiva dos conteúdos educacionais, salientamos as contribuições de Paulo Freire na obra **Pedagogia do oprimido** (2013), por ser necessário uma inversão da educação bancária nas relações escolares. Estudantes e outros setores da comunidade escolar devem fazer parte das decisões do conteúdo estudado a partir dos temas geradores que vêm das situações- limite das educandas e dos educandos vivenciadas por eles/as na sua realidade comunitária. Freire (2013, p. 121-134) destaca que homens e mulheres são sujeitos do conhecimento, mas o conhecimento (gnosilogia) não está reduzido a sujeito-objeto, porque há uma relação inter-comunicativa entre as pessoas.

Por meio da intersubjetividade, estabelece-se a comunicação entre os sujeitos. Existe uma coparticipação no ato de conhecer por meio da ação de comunicar, sendo o objeto o mediador dessa relação. A comunicação dialógica possui significação. “Comunicar é comunicar-se em torno do significado significante” (FREIRE, 1985¹, p. 45). A comunicação “[...] é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo” (FREIRE, 1985, p. 45). No pensamento freiriano, a dialogicidade desponta como essencial nas relações libertárias.

O diálogo com os oprimidos é um compromisso para a libertação que implica a transformação da realidade, porque os homens são comunicação e diálogo enquanto análise crítico-reflexiva sobre a realidade. Afirma Paulo Freire que evitar o diálogo é temer a liberdade e não crer no povo (CABRAL, 2005, p. 202).

O não diálogo fortalece posturas de dominação, tais “como a absolutização da ignorância, a descrença no homem e a impossibilidade do diálogo” (CABRAL,

1 Neste artigo, as referências FREIRE 1985 correspondem à versão digitalizada em PDF da obra Extensão ou comunicação? (1985), do educador e filósofo Paulo Freire. Nesse caso, as páginas do livro estão de acordo com o formato digital.

2005, p. 203). A atuação antidialógica (FREIRE, 2013) ocorre de forma manipuladora e usurpadora das culturas. Freire define o ato de manipular como instrumentalização a serviço de práticas que tiranizam.

Partimos do princípio de que a educação pode ajudar na libertação do ser humano, ser um meio que auxilia a libertar das amarras da exploração colocada para nos inibir enquanto sujeitos de direitos e construtores de uma história não opressora. Essa educação deve ser problematizada a partir de uma intencionalidade, cabendo nela a conscientização dos sujeitos sobre a sua real condição vivenciada na realidade. Nessa instrução há a possibilidade de admirar, objetivar, desmistificar e criticar a realidade envolvente do mundo no qual o ser humano, ao se descobrir construtor, descobre-se sujeito da cultura e como tal se afirma como sujeito livre, contra qualquer regime de dominação que visa à massificação.

2.1. O DESAFIO DOCENTE DIANTE DO DESINTERESSE ESCOLAR DO ESTUDANTE

Estabelecemos diálogo com sete docentes sobre as estratégias utilizadas no combate ao desinteresse escolar da e do estudante. A docência teve a oportunidade de expressar suas características pessoais, como os pontos de vista em relação a diversos tópicos relevantes para este estudo. As formações acadêmicas dessas pessoas profissionais do ensino são pedagogia, letras (português, literatura e língua portuguesa), artes visuais, matemática, ciências biológicas, normal superior e educação física. Na escola pesquisada, esses/as professores/as atuam no magistério entre 1 a 12 anos. A maioria afirmou que se mantém atualizada participando em formações da sua área.

Foi possível perceber o esforço docente em relação ao resgate das/os estudantes frequentemente rotuladas/os como desinteressadas/os, preguiçosas/os ou difíceis. Na verdade, a docência passou de forma mais intensa a despertar o interesse para que educandas/os tivessem sucesso na conclusão de suas tarefas escolares, embora docentes entendam que não haja uma forma exclusiva de incentivar, ao contrário, é preciso buscar qual a fonte de motivação do público estudantil.

Ao ser indagada sobre as situações em que as/os discentes se sentem motivadas/os para a aula, uma das docentes destacou o momento em que iniciam uma nova disciplina. *“Eles ficam curiosos sobre o novo item e assim a aula se torna mais significativa e objetiva.”* Ela acrescenta que reforços positivos, como elogios verbais e não verbais, bem como aprovação diante das tarefas realizadas, fazem com que elas/es se sintam dispostas/os a ir à aula e aumentam a autoconfiança. *“Eles se sentem mais relaxados quando sentem a sensação de sucesso”*, disse a professora.

Nesse ponto, outra professora se manifestou dizendo que as/os estudantes ficam mais ansiosas/os e motivadas/os para aprender quando meios atraentes são usados na sala de aula. *“Esses materiais atraem sua atenção e os mantêm alertas”*. Ela acrescenta ainda que *“a narrativa de alguns exemplos da vida privada dos professores, que tenham relação com o conteúdo explicado, chama muito a atenção dos alunos”* (DOCENTE 1, entrevista em 08/06/2021).

Uma terceira docente faz reflexão sobre as técnicas que aumentam o nível de participação das e dos estudantes. A professora destacou que o uso de recursos visuais *“favorece a aprendizagem dos alunos e melhoram sua atenção e interesse. Recursos visuais como pôsteres e imagens atraem a atenção e tornam a aula mais colorida para eles, levando-os a se interessar mais pela aula”* (DOCENTE 2, entrevista em 09/06/2021).

No que diz respeito ao papel docente na promoção da motivação das educandas e dos educandos, a resposta foi praticamente unânime. *“É preciso construir um ambiente positivo e criativo em sala de aula para despertar essa motivação.”* Para uma das professoras, *“quando os alunos se sentem motivados, seu nível de interesse aumenta”*. Ela defende que *“apelar para as necessidades e interesses deles os torna mais motivados para aprender”* (DOCENTE 3, entrevista em 10/06/2021).

De acordo com Guimarães (2009), motivar discentes não é tarefa fácil, mas, é definitivamente gratificante quando os/as educadores/as as/os envolvem com sucesso e de maneira certa. As e os estudantes podem pensar de forma muito mais ampla e questionar as visões de mundo, valores e crenças aceitas. Sua inteligência aumenta.

Mas, por que existe uma “falta” de motivação em sala de aula entre as/os educandas/os? Quais são os fatores a ser considerados para motivá-los/as a ter sucesso em sala de aula?

Nesse sentido, o interesse do magistério por questões atuais e a apresentação de metodologias criativas fazem com que as/os estudantes se envolvam mais na aula, interagindo e entendendo melhor o conteúdo.

Para Hamm e Reeve (2002, p. 149), o desinteresse escolar é um fenômeno multifacetado, em certa medida porque seus limites se estendem além do domínio da educação para o contexto social mais amplo em que as/os educandas/os são categorizadas/os econômica e socialmente como sendo inseridas/os em estratos sociais. No mundo acadêmico, por exemplo, atitudes e desempenhos são fortemente influenciados por importantes agentes sociais no ambiente e nas experiências discentes, seja por docentes, mães/pais/responsáveis, seja por colegas.

Embora, de uma perspectiva intelectual, docentes, mães/pais/responsáveis e amigos/as sejam relevantes apoiando o senso de autonomia e liberdade da/o estudante, otimizando sua oportunidade de ser criativa/o e única/o, existe uma abundância de pesquisas com evidências que apoiam a suposição de que a motivação discente se beneficia quando os/as professores/as encorajam a independência da/o educanda/o (HAMM; REEVE, 2002).

Muitas são as razões que explicam a falta de interesse por parte das/os discentes dentro do processo de aprendizagem. Esse foco se dá pelo fato de que o estímulo tem sido o centro das atenções entre docentes ao longo dos anos, por ser a espinha dorsal do aprendizado, pois aprender é um processo complicado e dinâmico que, no sentido real, pode ser concluído com o auxílio da motivação.

Uma vez que a vontade constrói um dos elementos básicos da aprendizagem, as/os estudantes dão um passo importante a caminho do aprender. Porém, às vezes, podem perder a vontade e o interesse em relação à aula, colocando uma grande barreira ao aprendizado eficaz.

Daí a importância de se abordar a visão da/o docente sobre a falta de interesse da/o discente e as razões disso em relação ao ensino, assim como as formas de promover a motivação em sala de aula para aquelas/es que mostram dificuldades de aprendizagem.

Somente uma professora destacou a necessidade de mudanças radicais ligadas a posturas da educação bancária. Para ela, “*o desinteresse escolar está ligado à falta de políticas públicas e a uma base familiar instável. É preciso consciência social para depois se inserir no contexto educacional. Uma sociedade assistida valoriza o planejamento de vida*” (DOCENTE 2, entrevista em 09/06/2021). Apesar de a maioria das docentes afirmar que o desinteresse seja altíssimo, que a média de estudantes pouco interessadas/os é de 20%, as docentes não apontam soluções coletivas, colocando a culpa em outras pessoas, principalmente nos familiares. Segundo os/as entrevistados/as, o desinteresse escolar é algo desafiador e merece atenção. Deparamos com relatos de docentes apontando que o desinteresse ocorre porque há falta de incentivo dos/as responsáveis. “*Eles acham que o/a docente é pai e mãe. O desinteresse dos alunos acontece pela falta de responsabilidade de mães/pais/responsáveis. A maioria dos/as estudantes frequenta as aulas por obrigação, para não perder a Bolsa Família², e os alunos não querem aprender*”. Com essas afirmações, constatamos que a maior parte dos/as professores/as culpa a/o estudante, pais, mães e outros/as responsáveis pelo desinteresse escolar.

Parece-nos que a escola fica à parte do contexto social. Não há participação coletiva de todos os membros da comunidade em que está inserida. Vemos uma educação bancária. As práticas educacionais não foram planejadas com a atuação conjunta de educandas/os, educadores/as e nem de familiares. Como poderiam as/os estudantes se interessar se os procedimentos pedagógicos pouco lhes representam? O que a escola ensina é fora dos seus mundos reais. Ora, “ensinar não é

² Vinculado à frequência escolar de filhas e filhos de pessoas de baixa renda, o Programa Bolsa Família foi extinto no segundo semestre de 2021. Em seu lugar o governo federal criou o Programa Auxílio Brasil. Muitas pessoas acreditam que auxílios do Estado Nacional garantem boas condições materiais aos familiares e sendo assim essas pessoas não trabalham. Uma inverdade que culpabiliza o sujeito economicamente desfavorecido no Brasil.

transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 27). Enquanto os/as professores/as pensarem que as/os discentes são meras/os receptoras/es de conteúdos, teremos, sem dúvida, dificuldades nos campos do conhecimento e do interesse.

2.2. AS COMPREENSÕES DAS/OS ESTUDANTES SOBRE A FALTA DE INTERESSE

Nas perguntas que foram direcionadas às/aos educandas/os do Ensino Fundamental II entre 12 a 15 anos de idade, por meio de questionário para conhecer a opinião delas/es sobre a motivação, foi possível analisar em quais situações se sentem estimuladas/os.

Dentre outros fatores, destacaram-se o senso de humor da/o docente em sala de aula, o estado de espírito (estar feliz), sua positividade e o afeto que dispensa às/aos estudantes em sala, sua preparação, o uso de reforços positivos (elogios e pequenos “presentes” para as/os que mais se destacarem) e a didática mais lúdica, com diferentes atividades. São tópicos que desempenham grande papel na promoção da motivação e interesse em aprender.

Porém, devemos ter o cuidado de não tornar as/os educadoras/es como responsáveis pelos problemas educacionais, já que, como ressalta Reis (2014) o desinteresse se põe em uma estrutura interdisciplinar de sistemas. No entanto, a maioria das e dos adolescentes entrevistadas/os apontam ser o conteúdo das disciplinas escolares que lhes causam maiores desinteresses. Foram levantadas questões sobre a falta de interesse pela aula em particular. As e os estudantes se sentem incomodadas/os quando a prática pedagógica é abordada com fluxo muito grande de informações docentes, de modo assimétrico, unilateral e sem a possibilidade de interação com as/os educandas/os. Freire (2013, p. 72) rejeita veemente essa ausência de interação entre docente e estudante no livro **Pedagogia do oprimido**. O autor destaca que na educação bancária a/o docente vê a/o estudante como um banco no qual deposita o conhecimento.

Na prática, vê-se a e o discente como cofre vazio em que o/a professor/a acrescenta fórmulas, letras e conhecimento científico até “enriquecê-la/o”, uma forma de educar em que a/o escolar decora para responder exatamente ao que recebeu, sem análise crítica que seria fruto direto de uma interação, que nesse caso não acontece (FREIRE, 2013). Explana um educando:

Os colegas falam demais e distraem a atenção por não entender o conteúdo que é “jogado” em sala de aula e ficam entediados. O professor acaba falando sempre a mesma matéria constantemente e dá muitos exercícios semelhantes. Isso diminui nosso interesse na aula e ficamos menos dispostos a prestar atenção na explicação (ESTUDANTE 1, entrevista em 11/06/2021).

Outro discente explica que *“existem algumas atividades criativas e interessantes envolvendo jogos, trabalhos em grupo ou dramatizações, que aumentam nossa motivação”* (ESTUDANTE 2, entrevista em 11/06/2021). São práticas consideradas importantes por ser vistas pelas/os estudantes como diferentes, atraentes. Assim acabam promovendo motivação e entusiasmo.

Grande parte das/os estudantes fica desanimada quando não consegue ter sucesso na aula devido às atividades ou à didática empregada. Nesse caso, seriam importantes os desenvolvimentos de estratégias de ensino que despertem criativamente o interesse estudantil, ajudando a ter mais atenção na aula e a construir um aprendizado permanente.

Em uma das questões direcionadas às/aos educandas/os, dessa vez abordando o impacto da atitude docente sobre a motivação em sala de aula, todas/os, sem exceção, consideraram fundamental o comportamento do/a professor/a como influência direta no interesse discente. Para uma educanda, *“a atitude positiva e calorosa do professor, o fato de ele estar feliz, calmo, e o apreço que sente por nós, não nos humilhando, como fazem alguns professores, aumenta o nível de motivação”* (ESTUDANTE 1, entrevista em 11/06/2021).

De acordo com Guimarães (2009), as/os estudantes gostam de ver a/o docente motivada/o e disposta/o o suficiente, o que lhes faz sentir animadas/os com as aulas. As/os estudantes se sentem totalmente desmotivadas/os quando são tratadas/os com ignorância e descaso. *“Às vezes o professor passa o conteúdo de forma complexa e entediante. Quando não entendemos ou sinalizamos que não estamos entendendo, ele faz ignorância. Isso nos desestimula e dificulta a vontade de aprender”*, destaca um adolescente sujeito da investigação.

Nesse sentido, Freire (1996) lembra que ensinar exige respeito aos saberes da/o educanda/o. A escola deve respeitar o conhecimento socialmente construído pelas/os estudantes na prática comunitária, discutindo com elas/eles a razão de ser de alguns saberes em relação ao ensino dos conteúdos e aos problemas vividos pela discência. Os postulados freirianos apontam que é preciso estabelecer intimidades entre os saberes curriculares fundamentais às/aos educandas/os e a experiência social que elas/eles têm como pessoas, no intuito de discutir as implicações políticas, ideológicas e a ética de classe relacionadas a descasos.

As e os estudantes adolescentes ditas/os como “desinteressadas/os” em quase nada estabelecem familiaridade com os saberes curriculares. Eles/elas responderam que nem sempre gostam das aulas, a menos que sejam atrativas. Segundo as/os educandas/os, *“quando as aulas são boas, há participação. Usam-se vídeos, laboratórios etc.”* Ou seja, reclamaram dos conteúdos, dizendo que são difíceis de entendimento. O/a professor/a fala muito. Sem participação, as/os escolares sentem sono, cobram muito, as aulas são chatas e não gostam das leituras e de escrever muito. *“Tem professor que é muito chato. Nem pergunta se a gente está bem. Só quer saber de chegar e encher a gente de atividade”* (ESTUDANTE 3, entrevista 09/09/2021).

Os/as educandos/as admitem que os/as educadores/as poderiam incentivar a turma, não deveriam deixá-los/as copiando do quadro e usar outros recursos, além do verbal, da escrita e da leitura. As/os discentes demonstram ser importante estudar, precisam aprender, *“ter conhecimento para conseguir as coisas, saber conversar e escrever melhor, arranjar um emprego quando ficar adulto”* (ESTUDANTE 5, entrevista 09/09/2021). Sentimento reforçado por outro educando.

“Sei que preciso aprender [...] para dar continuidade aos estudos, mas, ficar tanto tempo dentro de sala, ninguém merece” (ESTUDANTE 4, entrevista 09/09/2021). Um estudante revela ter empenho nas aulas, mas as desqualifica. *“Ter (interesse), eu tenho. Sei que é importante, e a gente precisa aprender, mas não gosto de aula chata, uma falação do professor”*. Percebe-se, pelas posições das e dos estudantes, que muitas vezes a relutância em aprender se dá pela ausência de paciência e de uma didática eficaz do corpo docente. A metodologia que é para dar suporte no processo de ensino acaba engessada, sendo mecanismo de desmotivação.

Além disto, há escassez de materiais. Os métodos tradicionais de ensino, as aulas chatas e entediantes, o excesso de exercícios e as perguntas repetitivas acabam levando à falta de motivação e ao desinteresse em relação ao aprendizado. Levar em consideração essas informações e evitar os fatores que dificultam a vontade de aprender diminuem o nível de ansiedade e a inibição das/os educandas/os, aumentando a disposição e a participação.

O pesquisador Michael Apple (2012, p. 18) salienta que “devemos ver o mundo pelos olhos dos desfavorecidos e nos afastar de processos e práticas ideológicas e institucionais opressoras, principalmente na construção e partilha do conhecimento”. Desse modo, como educadores/as, os/as docentes devem estar envolvidos/as em um constante estado de aprendizagem junto com seus/suas estudantes, prestando um grande serviço a eles/elas, demonstrando a própria curiosidade e a satisfação que vêm com a aprendizagem (GOOD; BROPHY, 2008, p. 64). É importante elogiar a participação de das/os estudantes nas discussões, dizem Krapp e Lemos (2002, p. 83), demonstrar paciência e persistência na busca de soluções e apontar os benefícios de trabalhar os erros.

Enfim, todas as estratégias destacadas são válidas para desenvolver a motivação das/os discentes, um dos fatores principais para o sucesso acadêmico. É preciso que as/os docentes considerem a idade, o nível, o interesse, as necessidades das/os estudantes, avaliem e façam algumas mudanças na forma de ensinar para ajudá-las/los a aprender tanto dentro como fora da sala de aula, contribuindo para motivar o aprendizado eficaz.

2.3. PERCEPÇÕES DOS FAMILIARES E/OU OUTRAS PESSOAS RESPONSÁVEIS PELAS/OS ESTUDANTES SOBRE O DESINTERESSE ESCOLAR

O envolvimento dos familiares/responsáveis é fator extremamente importante para uma educação de sucesso das crianças e das/os adolescentes. Para cumprir o sistema de apoio integrado às/aos educandas/os, as escolas podem construir parceria com os familiares/responsáveis e desenvolver responsabilidade mútua para o sucesso das crianças e dos adolescentes no sistema educacional. Guimarães (2009) afirma que o envolvimento de mães/pais/responsáveis é encorajador, assim como seus esforços para apoiar as escolas, causando impacto positivo na motivação das/os estudantes para a aprendizagem.

Diante das respostas dos familiares foi possível perceber seus posicionamentos sobre o desinteresse escolar das/os filhas/os. Salientam acerca da necessidade da conversa e de entendê-las/os melhor, saber mais sobre o dia a dia da escola. Um dos familiares/responsáveis disse que *“é importante sabermos sobre os amigos deles, [sobre] os professores [...], como são as aulas, se explicam bem a matéria e se eles [filhos e filhas] estão gostando da escola”* (FAMILIAR/RESPONSÁVEL 1, entrevista em 14/06/2021). Mesmo com parte dos familiares/responsáveis não conseguindo estabelecer bom relacionamento com as crianças, eles entendem a importância dessa relação interpessoal como passo vital para melhorar o ambiente de aprendizagem. A motivação das crianças relacionada à escola não é apenas relevante para o envolvimento e a motivação na sala de aula. É também uma questão muito importante em casa (KATZ; KAPLAN; BUZUKASHVILY, 2011).

A inclinação da/o educanda/o para planejar, administrar seu tempo, persistir em desafiar os trabalhos escolares, dedicar tempo adequado para estudar e fazer as tarefas tem influência significativa no clima em casa, em seu relacionamento com familiares/responsáveis e nas expectativas em relação ao desempenho acadêmico (KATZ; KAPLAN; BUZUKASHVILY, 2011). Para a educadora e psicóloga Elis Regina Costa (2000), o funcionamento acadêmico mais adaptativo

tem sido associado a atitudes dos familiares/responsáveis com reações mais positivas aos sucessos das/os filhas/os e menos negativas em relação a seus fracassos frente ao desempenho escolar. Uma das práticas mais consistentes de educação infantil associada à desmotivação é a abordagem autoritária, que enfatiza a obediência, o castigo e a disciplina mais do que o respeito e a aceitação da criança.

Outro aspecto necessário versa sobre ações que podem ser desenvolvidas pela família para diminuir os obstáculos que atrapalham o interesse escolar das/os filhas/os, como melhorar o ambiente doméstico. Muitas e muitos estudantes chegam à escola desmotivadas/os em decorrência de problemas familiares. A motivação desperta mais interesse e foco nos estudos das crianças, dizem os familiares/responsáveis. Um dos familiares/responsáveis afirmou que *“é importante evitar os conflitos conjugais e familiares através de formas saudáveis de se discutir e não recorrer a discussões e gritos na frente de seus filhos”*, bem como procurar certas negociações no cotidiano.

Às vezes usamos o celular ou as saídas que gostam para ficar com os amigos como barganha para que façam as atividades. Acho que, se houver uma “negociação” nesses pontos, que são do interesse deles, as coisas podem melhorar em relação à aprendizagem (FAMILIAR/RESPONSÁVEL 3, entrevista em 14/06/2021).

A preocupação com as atividades das filhas e dos filhos é necessária, embora nem sempre as/os responsáveis tenham conhecimento das matérias que elas/ eles estudam, como argumenta uma mãe.

A gente não teve muita oportunidade de estudar, como eles têm agora, mas muita coisa que eles estão vendo nas aulas a gente consegue acompanhar e sabe como ajudá-los a entender. E, mesmo que não consigamos, acho que somente a presença e a demonstração de que estamos interessados no fato deles estarem fazendo as atividades pode motivá-los a aprender para nos mostrar que são capazes” (Entrevista em 15/06/2021).

Aproveitando esse foco, um dos familiares abordou atitudes pejorativas que nunca devem ser usadas, mesmo nos momentos de raiva. “*Não devemos usar rótulos ou punir nossos filhos com palavras duras como ‘estúpido’, ‘burro’, ‘relaxado’ ou ‘malandro’, dentre outros, pois isso afeta diretamente sua confiança e pode ser prejudicial para os estudos*” (Entrevista em 14/06/2021). As e os responsáveis consideram errada a comparação com outras crianças.

Vários pais tendem a comparar os avanços ou retrocessos de seus filhos com de outros colegas de sala. Acho isso muito errado, até porque isso embute neles a raiva e o medo do fracasso, além do sentimento de pensar que “meus pais acham outro menino mais inteligente do que eu” (FAMILIAR/RESPONSÁVEL 3, entrevista em 15/06/2021).

Foi possível perceber que a maioria dos familiares entende que, embora as/os estudantes tenham suas limitações dentro do processo de aprendizagem, é preciso saber lidar com isso e ajudá-las/os a despertar o interesse para motivar e aprender cada vez mais e melhor. Se elas/eles fracassarem na aprendizagem, por exemplo, não conseguindo aprender, ter um bom desempenho escolar, deve-se procurar ajuda de outras/os docentes ou outras/os especialistas, uma opção infinitamente mais correta e melhor do que humilhá-las/los na frente de colegas, o que pode ser “um golpe mortal” no seu interesse.

Diante dos resultados alcançados, este estudo se tornou rico e interessante pelo fato de explorar as razões do desinteresse das/os estudantes em relação à aprendizagem escolar e de que forma deve ser a atuação da/o docente para motivá-las/los. Compreendeu-se que um ponto importante para suscitar a motivação das/os educandas/os vem das boas práticas de ensino adotadas pelos/as professores/as, criando atividades baseadas em tópicos que sejam relevantes na vida delas/deles. Na prática pedagógica diária, é preciso fornecer escolhas para as/os discentes, compartilhando a aprendizagem e o saber, pois elas e eles podem ter maior motivação quando sentem algum senso de autonomia nas etapas educacionais. Ao contrário, a motivação diminui quando as/os estudantes deixam de ter voz nas aulas.

Os/as educadores/as têm buscado, na prática pedagógica, equilibrar o desafio em sala de aula. Demonstraram entender que devem estar sempre acessíveis, uma vez que as/os educandas/os precisam se sentir confortável o suficiente para compartilhar com a/o docente qualquer problema ou preocupação. Os/as educadores/as têm efeito imenso no estímulo de seus e suas estudantes, por meio de seu comportamento e do estilo de ensinar. A estrutura das aulas, a metodologia de ensino, a natureza das ações, as atividades desenvolvidas dentro e fora da sala de aula, as interações informais com as/os educandas/os, são essenciais.

Esperamos que as informações e análises disponibilizadas neste artigo sejam úteis a qualquer docente interessada/o em aprender um pouco das teorias sobre a motivação e como seus conceitos podem ajudar a ter um ambiente de aprendizagem que aumente a motivação para as/os discentes terem sucesso na aprendizagem.

Além disso, dado que as/os discentes interagem com seus/suas docentes diariamente, a relação estudante-professor não deve ser subestimada ou negligenciada. O estabelecimento desse relacionamento conduz ao sucesso e satisfação tanto para a/o educanda/o quanto para o/a professor/a, criando ambiente motivador, onde o aprendizado é apenas uma consequência.

Elaboramos coletivamente proposta de formação continuada (produto educacional) voltada para qualificação docente do Ensino Fundamental II no campo do desenvolvimento de ações e práticas metodológicas para estimular o interesse da/o estudante pelos conteúdos curriculares ministrados em sala de aula. Trata-se de uma propositura pensada por meio de uma troca de ideias com sete docentes, com sugestões de como desenvolver e melhorar a atuação do/a professor/a para atingir os objetivos almejados. Os sujeitos da investigação foram fundamentais no desenvolvimento desse produto educacional. Isso só foi possível porque o grupo docente considerou a proposta importante para enfrentamento do desinteresse de estudantes.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maioria das educandas e dos educandos perde o interesse pelas atividades escolares devido aos processos metodológicos tradicionais que impossibilitam as relações dialógicas. A atenção familiar também é necessária, como aponta uma pessoa entrevistada sobre o tema em discussão. *“É importante sabermos sobre os amigos deles, os/as docentes deste ano, como são as aulas, se os/as docentes explicam bem a matéria e se eles [estudantes] estão gostando da escola.”*

O estímulo pode ser desencadeado por meio de boas práticas cotidianas que criem atividades de aprendizagem baseadas em ações relevantes e significativas às/aos estudantes, tornando o ensino adequado à sua realidade, fornecendo escolhas para elas e eles, dando-lhes autonomia no processo de aprendizagem. A motivação diminui quando a voz da/o discente é impedida. Ela e ele não se sentem sujeitos na prática pedagógica. Nesse caso, torna-se essencial saber lidar especificamente com cada estudante e enfrentar o insucesso com ela/ele para que consiga ter bom aprendizado. Para as/os estudantes, as aulas são cansativas, chatas, cheias de conteúdos que pouco têm a ver com elas/eles. Os/as educadores/as quase nada sabem sobre os/as educandos/as. As e os estudantes sentem-se aparte do processo escolar. Daí a importância de os/as professores/as conhecerem os motivos que levam à desmotivação da/do discente, fomentarem a participação coletiva, tecerem o diálogo, conhecerem de fato cada estudante, estabelecerem ambiente positivo e psicologicamente saudável de apoio que intensifique a disposição para a aula, tirando das/os estudantes a inibição de aprender e tornando-as/os mais dispostas/os a alcançar uma aprendizagem frutífera.

Os/as docentes, estudantes e familiares/responsáveis apontaram acertos e as dificuldades que devem ser bem observadas. Seria essencial que a vivência escolar fosse compartilhada e discutida por todas e todos. A busca de caminhos, juntas/os, pode ser atitude crucial para resolver os problemas da falta de interesse entre estudantes. Algumas/alguns educadoras/es julgam pais/mães/responsáveis e discentes como culpadas/os pelo insucesso na escola. Há pais/mães/responsáveis que criticam atitudes das e dos docentes. Isso nos mostra uma prática peda-

gógica com ausência da relação dialógica entre as pessoas envolvidas no espaço escolar. Observa-se que a educação bancária está presente na escola.

Porém, vemos possibilidades de acertos quando boa parte das/os entrevistadas/os se mostram preocupadas/os com a falta de interesse estudantil. Apontar culpadas/os, sem tecer avaliações conjuntas que favoreçam novos rumos pedagógicos entre o coletivo da escola pode ser uma falácia, como também, a falta de assumir o problema e enfrentá-lo na sua raiz. Uma assembleia, por exemplo, com as partes envolvidas, poderia ser um bom caminho para novas deliberações de enfrentamento do desinteresse de educandas/os. As discussões colocadas mostram elementos importantes a ser seguidos pelas/os educadoras/es. Uma educação participante, de fato democrática, pode ser começada na escola para resolver o mal-estar colocado por todos os sujeitos da pesquisa.

REFERÊNCIAS

APPLE, M. W. **Education and power**. Revised Routledge Classic Ed. New York: Routledge, 2012.

CABRAL, A. Reseña de “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, n. 5, p. 200-204, 2005.

COSTA, E. R. da. **As estratégias de aprendizagem e a ansiedade de alunos do ensino fundamental**: implicações para a prática educacional. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Tradução de: OLIVEIRA, R. D. de. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. PDF, digital. Título original: ¿Extensión o comunicación?: la concientización en el medio rural (1969). Disponível em: <<https://fasam.edu.br/wp-content/uploads/2020/07/Extensao-ou-Comunicacao-1.pdf>>.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- GOOD, T. L.; BROPHY, J. E. **Looking in classrooms**. 10th ed. New York: Allyn & Bacon/Longman, 2008.
- GUIMARÃES, S. É. R.. Motivação intrínseca, extrínseca e o uso de recompensas em sala de aula. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (Org.). **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 37-57.
- HAMM, D.; REEVE, J. M. Teoria de autodeterminação aplicada a ambientes educacionais. **Manual de pesquisa de autodeterminação**. Iowa: Universidade de Iowa, 2002.
- KATZ, I.; KAPLAN, A.; BUZUKASHVILY, T. The role of parents' motivation in students' autonomous motivation for doing homework. **Learning and Individual Differences**, v. 21, i. 4, Elsevier, p. 327-482, Aug. 2011.
- KRAPP, A.; LEMOS, M. S. Os interesses dos alunos como condição e como objetivo da aprendizagem escolar. In: LEMOS, M. S. de; CARVALHO, T. R. **O aluno na sala de aula**. Porto: Porto Editora, 2002.
- OLIVEIRA, M. K. de **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio- histórico**. São Paulo: Scipione, 2011.
- REIS, R. R. dos. **Juventude e conhecimento escolar: um estudo sobre o (Des) interesse**. 303 f. Tese (Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.